

Questão 15

Percorrendo certa vez, nos fins de setembro [de 1897], as cercanias de Canudos, fugindo à monotonia de um canhoneio¹ frouxo de tiros espaçados e soturnos, encontramos, no descender de uma encosta, anfiteatro irregular, onde as colinas se dispunham circulando um vale único. Pequenos arbustos, icozeiros² virentes viçando em tufos intermeados de palmatórias³ de flores rutilantes, davam ao lugar a aparência exata de algum velho jardim em abandono. Ao lado uma árvore única, uma quixabeira alta, sobranceando a vegetação franzina.

O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela — braços largamente abertos, face voltada para os céus — um soldado descansava.

Descansava... havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de julho [de 1897]. A coroa da Mannlicher⁴ estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E ao enterrarem-se, dias depois, os mortos, não fora percebido. Não compartira, por isto, a vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez juntos, os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há três meses — braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luares claros, para as estrelas fulgurantes...

E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tran-

quilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme — o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria — lhe maculara os tecidos. Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a secura extrema dos ares.

(Os sertões, 2016.)

¹ canhoneio: descarga de canhões.

² icozeiro: arbusto de folhas coriáceas, flores de tom verde-pálido e frutos bacáceos.

³ palmatória: planta da família das cactáceas, de flores amarelo-esverdeadas, com a parte inferior vermelha, ou róseas, e bagas vermelhas.

⁴ Mannlicher: rifle projetado por Ferdinand Ritter von Mannlicher.

Observa-se o emprego de voz passiva no trecho

- (A) "Descansava... havia três meses." (3º parágrafo)
- (B) "Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta." (4º parágrafo)
- (C) "Nem um verme — o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria — lhe maculara os tecidos." (5º parágrafo)
- (D) "Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível." (5º parágrafo)
- (E) "E ao enterrarem-se, dias depois, os mortos, não fora percebido." (4º parágrafo)

ALTERNATIVA E

Na frase "E ao enterrarem-se, dias depois, os mortos", ocorre voz passiva sintética. O termo "os mortos" exerce o papel sintático de sujeito paciente e o pronome "se" atua como partícula apassivadora. Convertida para a forma analítica, teríamos a frase "e, dias depois, a os mortos serem enterrados".